

Trajeto: Ruas por onde já andaram

Pontos de interesse: As ruas escolhidas para o percurso remetem ao leque do primeiro traçado urbano da cidade, assim como as duas principais praças do Centro Histórico, totalizando em torno de 40 esquinas da antiga Rua da Praia.

Início: Rua da Praia

Fim: Rua das Graças

Contexto: A Rua da Praia, uma das ruas mais tradicionais e antigas da cidade de Porto Alegre. A Rua dos Andradas, nome oficial estabelecido em 1865, era chamada de Rua da Praia, do trecho do Gasômetro até a Rua General Câmara; e, de Rua da Graça, do trecho entre a Rua General Câmara e a Rua Senhor dos Passos.

Autores: José Daniel Craidy Simões, PROPUR, Univercidade Federal do Rio Grande do Sul; e Felipe da Silva Rodrigues, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





ESTATISTICA DA

CIDADE E SUBURBIOS

- 1 Rua da Praia
- 2 R. da Graça
- 3 R. do Cotovelo
- 4 R. da Ponte
- 5 R. Formosa
- 6 R. de S. Jose
- 7 R. do Hospital
- 8 R. Nova do Poço
- 9 R. do Arvoredo
- 10 R. da Varzenha
- 11 R. Nova
- 12 R. da Cadeia
- 13 R. Principal
- 14 R. Bella
- 15 R. Directa
- 16 R. do Arroio
- 17 Rua Clara
- 18 R. de Bellas
- 19 R. d'Alegria
- 20 R. do Ouvidor
- 21 R. de Cemiterio
- 22 R. do Poço
- 23 R. de Braganca
- 24 R. do Rosario

- 25 Rua de S.^a Cath.^{ica}
- 26 R. do Cozto
- 27 R. da Misericordia
- 28 R. da Figueira
- 29 R. da Olaria
- 30 R. d'Azinha
- 31 Beco do Leite
- 32 B. do Coelho
- 33 Beco da Funcha
- 34 B. da Ponte
- 35 B. da Opera
- 36 B. do 2.^o Batalhão
- 37 B. do Forno
- 38 B. do Israel
- 39 B. do Barbaça
- 40 B. do Chico Pinto
- 41 B. do Carneiro
- 42 Praça de Pelagio
- 43 P. d'Alfandega
- 44 P. do Pirajó
- 45 P. do Portão
- 46 Casa d'Alfandega
- 47 Trapiche
- 48 Foleirinho

- 49 Igreja Matriz
- 50 Igreja dos Passos
- 51 Igreja do Rosario
- 52 Igreja das Dores
- 53 Cemitério da Matriz
- 54 Cemitério da Caridade
- 55 Catacumbas
- 56 Hospital da Carid.
- 57 Palacio do Governo
- 58 Casa d'Assemblea
- 59 Arsenal de Guerra
- 60 Intendencia
- 62 Arsenal de Marinha
- 62 Thesouraria

- 63 Quartel do 2.^o
- 64 Riacha
- 65 Ponte do Riacho
- 66 Praia do Riacho
- 67 Praia do Arsenal
- 68 Praia do Caminho Novo



Porto Alegre apresentou um modelo inicial de ocupação de seus territórios que seguiu os moldes de uma urbanização tradicionalmente portuguesa, caracterizada pela adaptação das vias à topografia, hidrografia e ao ambiente físico local. No bairro Centro Histórico, que corresponde ao núcleo original da cidade, ainda se encontram ruas e praças remanescentes desse primeiro traçado. Este bairro é caracterizado por três longas vias principais que se iniciam na extremidade da península e se estendem em direção ao interior do território, sendo atravessadas por ruas perpendiculares ao longo de toda sua extensão.

Uma dessas ruas, originalmente delineada ao longo da margem norte da península, continua sendo referida como Rua da Praia, embora sua denominação oficial tenha sido alterada para Rua dos Andradas, e a referida praia não mais exista devido aos aterros realizados ao longo dos séculos XIX e XX. Em 1820, Saint-Hilaire descreveu a Rua da Praia como a única via comercial da cidade, onde:

[...] se encontram numerosas pessoas a pé e a cavalo, marinheiros e muitos negros, carregando fardos. É provida de lojas muito bem instaladas, de vendas bem sortidas e de oficinas de várias profissões. Quase igual distância desta rua há um grande cais que avança para a lagoa, e à qual se tem acesso por uma larga ponte de madeira de aproximadamente cem passos de comprimento, guarnecida de peitoris e sustentada por pilares de pedra. (Saint-Hilaire, 2002, p. 68).

As descrições de Saint-Hilaire sugerem que, já no início do século XIX, as visuais da cidade começaram a ser impactadas por construções, como a interferência causada por um armazém construído na extremidade de um trapiche. Saint-Hilaire referiu-se a esse local como um ponto que poderia ter criado um efeito estético positivo para a cidade, "se não fosse prejudicada pela construção, à entrada da ponte, de um edifício muito pesado e rústico que mede quarenta passos de comprimento, para servir de alfândega." (Saint-Hilaire, 2002, p. 68). Ao longo do tempo, a cidade reconfigurou seus limites ao avançar sobre o leito do Rio Guaíba por meio de aterros, provocando transformações profundas no bairro Centro Histórico.

Entre o seu traçado original como praia da Rua da Praia e sua posterior denominação como Rua dos Andradas, muitas transformações ocorreram em seu território. A Rua da Praia, cujo percurso se iniciava na extremidade da península, foi marcada, a partir de 1860, por duas grandes construções no início de seu trajeto: um grande presídio, que já foi demolido, e uma usina de produção de energia gerada pela queima de carvão, conhecida atualmente como Usina do Gasômetro. O nome dessa usina deriva da presença de tanques de gás próximos a ela, o que levou a população a referir-se à região como a "curva do gasômetro". Esse termo foi curiosamente incorporado à usina a carvão, tornando-a conhecida como Usina do Gasômetro, apesar de a construção nunca ter produzido energia a partir do gás de petróleo.

A Rua da Praia, que originalmente se estendia desde o antigo Porto de Viamão até o Alto da Misericórdia, onde hoje se encontra a Praça Dom Feliciano, próxima à Santa Casa de Misericórdia, passou a ser denominada Rua dos Andradas em 1865. Durante esse período, a municipalidade dedicou grandes esforços para substituir o calçamento colonial existente, onde o escoamento das águas pluviais ocorria de forma centralizada na via. Assim, iniciou-se uma série de obras de urbanização no bairro Centro Histórico, em que as vias de circulação passaram a ser reconstruídas com uma pista abaulada e sarjetas ao longo dos passeios.

Os cruzamentos da rua da Praia com outras ruas: toponímias e antinomias

Os mapas de Porto Alegre de 1839, elaborado por Luís Pereira Dias, e o de 1888, produzido por João Pedro Candido, revelam nomes peculiares das ruas transversais da Rua da Praia. A antiga toponímia destas ruas reflete aspectos do cotidiano da cidade à época. Durante a transição do Império Brasileiro para a Primeira República, ocorreram diversas alterações nos nomes das ruas do centro da cidade. Ruas que cruzam a Rua da Praia passaram a homenagear alguns generais que participaram da Guerra dos Farrapos, mudanças estas que estão amplamente documentadas no mapa de Porto Alegre de 1888, elaborado por João Pedro Candido. Além disso, outras ruas que formam esquinas com a Rua da Praia prestam homenagem a personalidades que se destacaram na cidade entre o final do século XIX e o início do século XX.

O Becco dos Guaranis passou a ser chamado de Rua General Vasco Alves. Segundo o cronista Antonio Alvares Pereira Coruja, que descreveu aspectos significativos de Porto Alegre do século XIX em suas crônicas, o Becco dos Guaranis recebeu esse nome devido à presença prolongada de um grupo de pessoas identificadas como pertencentes à etnia Guarani, que ali permaneceram "aquartelados" por vários anos. Segundo Coruja, "em dia de Santa Bárbara, sua padroeira, divertiam a população com danças de cavalinhos de madeira pintada e revestidos a caráter com colchas e saiotos" (Coruja, 1983, p. 109). Outros nomes atribuídos à mesma rua incluem Rua Principal do Arsenal, Rua da Guarda Principal e Rua do Arsenal, sendo o nome Rua da Guarda Principal frequentemente encontrado nas atas da câmara municipal. Ao ser renomeada como Rua General Vasco Alves, a via passou a homenagear o Barão de Santana do Livramento, Vasco Alves Pereira, militar que participou da Guerra dos Farrapos ao lado dos monarquistas.





O nome do Beco do Bot' à Bica, atualmente conhecido como Rua General Portinho, é descrito por Coruja como uma referência a um morador que residia na esquina desta rua com a Rua da Praia. Posteriormente, o nome da rua foi alterado devido à sua beleza, sendo renomeada como "[...] Rua Bela." (Coruja, 1983, p. 110). A partir de 1873, a Rua Bela passou a homenagear o Barão de Cruz Alta, adotando o nome de Rua General Portinho. José Gomes Portinho, homenageado pela mudança, foi um tropeiro que se tornou general do Exército da República Rio-Grandense e, posteriormente, do Império Brasileiro.

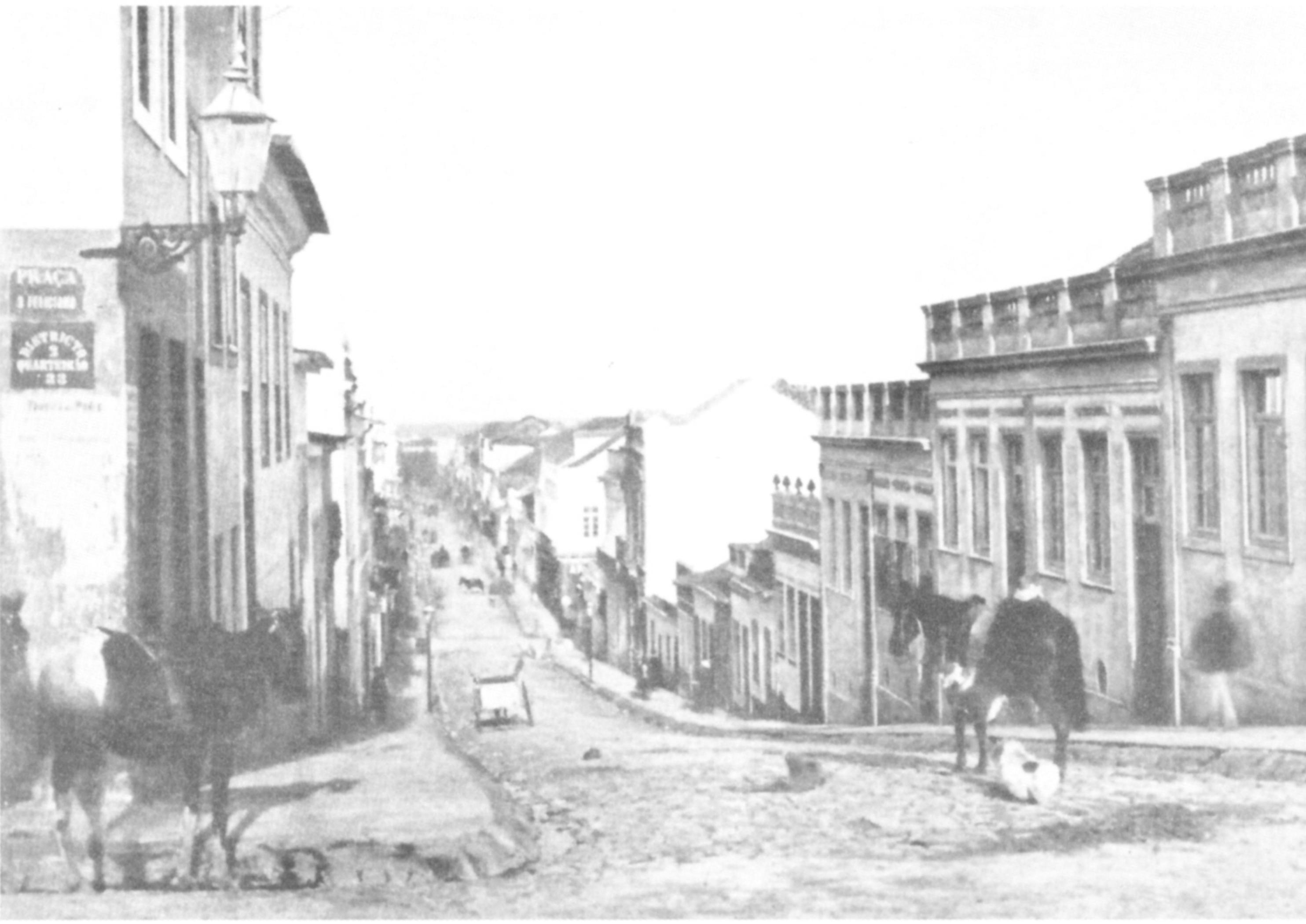
Seguindo pela Rua da Praia em direção ao Hospital, havia um pequeno sobrado na esquina, onde residia Pedro de Sousa Lobo. Este local era conhecido como o "Beco do Pedro Mandinga" (Coruja, 1983, p. 111). Após o falecimento de Pedro Mandinga, a rua passou a ser chamada de Rua Direita, um nome que também faz parte da história de outras vias da cidade. Segundo Sérgio da Costa Franco (1992, p. 98), a Rua Direita "lançava sobre o rio uma ponte de embarque e desembarque". Posteriormente, a rua foi renomeada para Rua do Conde de Porto Alegre, em referência a Manuel Marques de Sousa, que residia na esquina desta rua com a Rua do Cotovelo, o primeiro trecho atual da Rua Riachuelo, conforme descrito no mapa de 1839. Durante a administração do Brigadeiro Salvador José Maciel (1826-1829), houve a construção de obras significativas na Rua do Conde de Porto Alegre. Em 1879, os vereadores decidiram mudar a denominação da Rua do Conde de Porto Alegre para Rua General Canabarro, em homenagem ao General David Canabarro (1796-1867), militar cujo nome está associado à Batalha dos Porongos, um evento trágico em que os negros farrapos, que representavam quase metade do contingente rebelde farroupilha, foram traídos e mortos.

Ao seguir em direção ao hospital, chega-se à Rua do Arroio, que foi conhecida também como Rua dos Nabos a Doze, Rua do Jogo de Bola, Rua dos Pecados Mortais ou Rua General Bento Martins. De acordo com o cronista Coruja (1983, p. 111), "a Rua do Arroio (sem Arroio) era tão pouco conhecida por este nome, que para sabê-lo era necessário ir 'revolver os arquivos da

câmara', pois este era o seu nome oficial." No trecho entre a Rua da Praia e a Rua da Ponte, correspondente ao segundo segmento da atual Rua Riachuelo descrito no mapa de 1839, foram construídas as primeiras sete casinhas. Segundo Coruja (1983, p. 111), o nome "Rua dos Pecados Mortais" surgiu devido à "[...] quantidade ou pela qualidade das pecadoras que aí moravam, ou por ambos os motivos, o vulgo por gracejo a começou a chamar os 7 pecados ou Rua dos Pecados Mortais." Estes nomes persistiram por muito tempo no imaginário popular, embora tenham sido, com o tempo, substituídos pelo nome de Rua General Bento Martins.

Conforme apontado por Coruja, a rua que delinea a próxima esquina do trajeto em direção à Santa Casa, denominada como Rua Clara, recebeu este nome por meio de uma prática relacionada à antinomia, utilizada para descrever um lugar com a característica oposta à sua realidade. Nesse caso, uma rua conhecida por sua escuridão foi denominada Rua Clara, numa inversão simbólica. Em 1869, essa rua passou a ser chamada Rua General João Manoel, em homenagem a João Manoel Mena Barreto, um porto-alegrense que faleceu no mesmo ano durante o combate de Peribebeu, no Paraguai.

O Beco do Fanha, ou Beco do Inácio Manoel Vieira, refere-se a um antigo beco onde residiam "moradoras que se distinguiam pela vida alegre". Estas mulheres habitavam construções edificadas por Inácio Manoel Vieira. Nesse local, estabeleceu-se Francisco José de Azevedo, um taverneiro que "por falar de garganta apertada, ou bem ou mal sabidamente, tinha a alcunha de Fanha" (Coruja, 1983, p. 113). O beco também era conhecido como o Beco do Quebra-costas e estava previsto para ser estendido até a Rua Duque de Caxias, plano que foi interrompido pela construção da residência do Conde de São Leopoldo sobre o trecho que faria essa ligação. Em 1873, a Câmara Municipal renomeou o antigo Beco do Fanha para Travessa Paysandu, em homenagem à batalha ocorrida no Uruguai em 1865.



Em 1944, o Prefeito Antônio Brochado da Rocha alterou o nome da rua Paysandu para Rua Caldas Júnior, em homenagem ao jornal Correio do Povo, cujas instalações estavam localizadas na esquina da Rua Paysandu com a Rua dos Andradas. Outra rua do Bairro Partenon, anteriormente denominada Rua Caldas Júnior, passou a se chamar Rua Paissandu.

A antiga Praça da Quitanda teve seu nome alterado para Praça da Alfândega, posteriormente para Praça Senador Florêncio, e novamente renomeada como Praça da Alfândega em 1979. Neste local, foi construído um trapiche sobre o rio, concluído em 1804, "com cais e trapiche para o desembarque dos gêneros e serventia pública." (Franco, 1992, p. 25). Em 1820, o local foi descrito por Saint-Hilaire como um lugar da Praia:

[...] próximo ao cais que fica o mercado. Nele vendem laranjas, amendoim, carne seca, molhos de lenha e de hortaliças, principalmente couve. Como no Rio de Janeiro, os vendedores são negros. Muitos comerciam acorados junto à mercadoria à venda, outros possuem barracas, dispostas desordenadamente". (Saint-Hilaire, 2002, p.68).

Em 1820, iniciou-se a construção de um edifício específico para abrigar a Alfândega na Praça da Quitanda. Devido a essa obra, foi determinada a remoção compulsória dos quitandeiros que ali atuavam, transferindo-os para a Praça do Paraíso, atualmente conhecida como Praça 15 de Novembro. A Rua da Ladeira, nome da via em que funcionava o antigo senado da câmara, que:

[...] tendo por escrivão o galo-piando e como porteiro o mulato velho fanhoso conhecido por Manoel da Espada. Por esse motivo chamavam Domingos da Ladeira ao capitão-mor Domingos José de Araújo Bastos e Luís da Ladeira ao capitão Luiz Inácio Pereira de Abreu, que aí moravam. Tempos houve em que aí foi por muitos anos residir o ouvidor da comarca Joaquim Bernardino de Sena Ribeiro da Costa" (Coruja, 1983, p.113).

Por esse motivo, a população passou a chamar a Rua da Ladeira de Rua do Ouvidor. Após o cruzamento com a Rua da Praia, em direção ao rio, essa via recebia o nome de Becco do João Ignácio Teixeira, também conhecido como Beco da Garapa, devido à existência de um armazém que comercializava garapas. Atualmente, esta rua é denominada Rua General Câmara, em homenagem ao General Antônio Corrêa Câmara, segundo Visconde de Pelotas.



A Travessa ou Becco do Poço, atualmente conhecida como Rua General Paranhos, e a Avenida Borges de Medeiros têm uma história marcada por profundas transformações em sua configuração espacial. De acordo com Coruja (1983, p. 117), “[...] raríssimas eram as casas e de fraca aparência, em uma das quais morava Pedro Penacheiro, que saudava os transeuntes com as barretadas de ‘Meu Sinhozinho’.” Em 1871, uma resolução da Câmara Municipal renomeou o Becco do Poço como Rua General Paranhos, embora a população porto-alegrense continuasse a referir-se a essa via pelo antigo nome, reforçando uma denominação popular e espontânea. A antiga Rua General Paranhos também foi um lugar onde ocorreram conflitos e crimes, conforme notícias de jornais da época. Em 1894, já existiam projetos de alargamento desta rua, que só foram concretizados após uma série de desapropriações e demolições.

O Plano Geral dos Melhoramentos, elaborado em 1914 por João Moreira Maciel, destacou a intenção de ampliar e urbanizar a rua que hoje é a Avenida Borges de Medeiros. Durante a administração do Intendente Otávio Rocha, houve um investimento significativo na execução dessas obras, que resultaram na desapropriação e demolição de mais de 81 prédios entre as ruas Riachuelo e Coronel Genuíno para viabilizar a construção da avenida. Sob a administração do Intendente Major Alberto Bins, em 1935, a avenida foi finalmente concluída, incluindo a abertura do trecho entre a Rua dos Andradas e a Praça Montevideu.

A Avenida Borges de Medeiros, junto com a Rua dos Andradas, forma a chamada “Esquina Democrática”, um espaço icônico de Porto Alegre. Este local é conhecido por concentrar manifestações artísticas e culturais, além de ser um ponto cívico e simbólico da cidade, local onde ocorreram importantes manifestações políticas.

A Rua de Bragança, atualmente conhecida como Rua Marechal Floriano Peixoto, recebeu sua denominação inicial no contexto do processo de urbanização da cidade de Porto Alegre. O nome original sugere uma homenagem à dinastia portuguesa. A história dessa denominação difere do padrão espontâneo que caracterizou as primeiras toponímias das ruas da cidade. Desde o início do século XIX, há registros de melhorias nesta via. Sérgio da Costa Franco descreve a Rua de Bragança como parte do percurso tradi-

cional das procissões que saíam da Matriz, passando pela Rua da Igreja (atual Rua Duque de Caxias), descendo pela Rua de Bragança até a Rua da Praia e seguindo em direção à Rua do Arroio (atual Rua General Bento Martins). Em 1870, uma nova resolução da Câmara de Vereadores renomeou a Rua de Bragança para Rua do General Silva Tavares, em homenagem ao Barão de Cerro Alegre, João Nunes da Silva Tavares, que atuou na Guerra dos Farrapos em defesa dos imperialistas. Posteriormente, em 1893, o intendente Alfredo Azevedo alterou novamente o nome da via, que passou a se chamar Rua Marechal Floriano Peixoto, em homenagem ao militar que participou de diversos conflitos e batalhas da Guerra do Paraguai e que foi o primeiro vice-presidente e o segundo presidente do Brasil durante o período conhecido como República da Espada.

Em meados do século XIX, a Rua da Bandeira, posteriormente conhecida como Rua Vigário José Inácio, situava-se nas imediações das últimas ruas do tecido urbano da cidade de Porto Alegre, em direção aos seus arrabaldes. Durante esse período, a rua era essencialmente ocupada, com poucas moradias, e seu nome original, “Rua da Bandeira”, referia-se a um morador que residia na esquina do Caminho Novo (atual Rua Voluntários da Pátria). Em 1816, com o lançamento da pedra fundamental da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre, templo que congregava a comunidade negra, composta por pessoas escravizadas ou forras, a via passou a ser denominada Rua do Rosário. A construção da igreja foi concluída em 1827, e o edifício foi tombado em 1938 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Contudo, devido a conflitos entre a Arquidiocese e o SPHAN, a igreja foi demolida em meados do século XX. Em 1877, a Câmara Municipal alterou o nome da Rua do Rosário para Rua Vigário José Inácio, em homenagem ao Padre José Inácio de Carvalho Freitas, vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, falecido no mesmo ano.

A Rua de Santa Catarina, atualmente conhecida como Rua Doutor Flores, foi descrita pelo cronista Coruja (1983) como uma rua “em que se contavam os moradores por unidades. [...] Esta rua, nesse tempo, era interrompida pela chácara do velho Couto, cuja canzoada, por sua ferocidade, interceptava os transeuntes.” O termo “canzoada” mencionado por Coruja alude a cães ferozes



que zelavam os espaços da referida chácara. Em 1873, a via foi renomeada para Rua Doutor Flores, em homenagem ao médico e político Luiz da Silva Flores, ligado ao Partido Liberal, que residia na mesma rua.

A Praia

A Praia, ou a Rua da Praia, é a via mais antiga da cidade de Porto Alegre e preserva, por meio do seu nome histórico, uma descrição cotidiana que caracterizou os nomes das vias de Porto Alegre no século XIX. Esta nomenclatura, embora hoje não esteja associada a uma praia, reflete a prática espontânea de atribuição de nomes da época, de modo que algumas descrições populares permanecem ao longo do tempo de forma peculiar. A Rua dos Andradas, que reúne a Rua da Praia e a Rua da Graça, esta última referenciada desde o século XIX também como Rua da Praia. Porém, no trecho correspondente à Rua da Graça (Rua da Praia), também não havia uma praia, assim como toda a extensão da Rua dos Andradas hoje (Rua da Praia).

A Rua da Graça, de acordo com o cronista Coruja (1983, p. 98), recebeu um nome “com que o povo não engraçou”, abrangendo o trecho entre a Travessa do Poço (atualmente Avenida Borges de Medeiros) e o Alto da Misericórdia (Praça Dom Feliciano).

A Rua da Praia, descrita por Saint-Hilaire como “atravessada por outras ruas muito mais curtas, traçadas sobre o declive da colina”, faz parte de um conjunto de vias no bairro Centro Histórico de Porto Alegre que foram alargadas e estendidas sobre aterros em direção ao Guaíba ao longo do século XX. Durante este período, também se deu a criação da primeira perimetral da cidade, composta pela Avenida Loureiro da Silva, Avenida Presidente João Goulart, Rua da Conceição, Avenida Mauá – construída junto ao Cais do Porto – e a Avenida Paulo da Gama. Esta última, em particular, percorre parte da antiga área da “Várzea de fora do Portão”, descrita por Sérgio da Costa Franco como uma área alagadiça, onde atualmente se encontra o Parque Farroupilha.

As antigas toponímias como elo entre a história e a cidade contemporânea

O uso dos nomes antigos nas placas das ruas do bairro Centro Histórico de Porto Alegre, juntamente com os nomes atuais, foi uma proposta defendida durante anos pelo arquiteto Nestor Torelly junto ao Conselho do Patrimônio Histórico Cultural de Porto Alegre (COMPAHC). Durante a Semana Estadual do Patrimônio Cultural de 2023, foi realizado na cidade de Porto Alegre um projeto intitulado “Ruas que Não Andei”, cuja proposta foi a realização de uma caminhada guiada pelo Centro Histórico. Ao longo do mês de agosto, as placas das ruas foram adesivadas com as denominações antigas das vias. O projeto, executado pelos arquitetos José Daniel Simões e Lucas Volpato, representou uma ação articulada entre o COMPAHC, a Diretoria de Patrimônio e Memória de Porto Alegre (DPM/SMCEC) e a empresa responsável pela sinalização das placas de rua na cidade. Foram adesivadas placas em 40 cruzamentos de ruas do bairro, e, durante o evento, foram descritas a origem dos nomes e algumas histórias das antigas ruas da cidade.

Os eventos climáticos sofridos pelo estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024 demonstraram que, assim como no tempo de Saint-Hilaire, a Rua dos Andradas ocasionalmente volta a ser uma praia delineada pelas águas do Guaíba. A reflexão apresentada neste estudo permitiu estabelecer conexões entre algumas toponímias antigas e o cotidiano da comunidade da época, assim como com o ambiente natural original da cidade de Porto Alegre e a presença dos povos originários e os povos escravizados no território da cidade.

Referências

CORUJA, Antônio Álvares Pereira. Antigualhas, Reminiscências de Porto Alegre. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1983.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 2. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

SAINT-HILAIRE, A. Viagem ao Rio Grande do Sul. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

